

Saulo Gouveia. *The Triumph of Brazilian Modernism: The Metanarrative of Emancipation and Counter-Narratives.* Chapel Hill, NC: The University of North Carolina Press, 2013. 296 p.

O estudo de Saulo Gouveia oferece uma revisão atenta do discurso crítico sobre o Modernismo brasileiro, movimento estético que tradicionalmente foi considerado homogêneo, visando romper com o passado e emancipar-se formal e tematicamente dessa herança. De fato, apesar das divergências entre os intervenientes, enraizou-se na crítica uma imagem de uma aparente unidade e coerência que na verdade não existia nas agendas culturais dos modernistas. A argumentação de Gouveia desafia de forma muito esclarecedora essa visão estandardizada e explica que a expressão literária modernista no Brasil é complexa, contraditória e não se ajusta a uma narrativa totalizadora. Nesse sentido, o autor problematiza o metadiscurso construído pelos autores modernistas para legitimar o seu próprio trabalho e mostra de que forma esse discurso de autolegitimação foi reforçado pelas políticas educativas e culturais do Estado, o que contribuiu para a sua canonização. O objetivo último do autor é reavaliar, sem desvalorizar, o interesse desse legado cultural.

A partir da conceitualização do antropólogo Néstor García Canclini, que caracteriza a Modernidade cultural como um projeto que se pretende amplo, emancipatório, renovador e democrático, Gouveia desafia as representações e apropriações nacionalistas e formalistas do Modernismo brasileiro. O autor faz leituras dos primeiros textos modernistas que pretendem ser contranarrativas, explorando aspectos que foram ignorados ou descurados no discurso crítico institucionalizado. Gouveia foca sobretudo os aspectos contraditórios das críticas dos modernistas à Modernidade e a complexidade daquilo que se considera ser a ruptura modernista, isto é, a simples negação das tradições.

O estudo está dividido em duas partes. Na primeira, explora-se a questão da autolegitimação do discurso do Modernismo; na segunda, a relação conflituosa com a Modernidade no trabalho de três modernistas: Paulo Prado, Mário de Andrade e Oswald de Andrade. A escolha desses autores prende-se fundamentalmente ao fato de serem os três de São Paulo e de nos seus textos a herança cultural ser um tópico central. As três obras inserem-se num contexto histórico marcado pela presença massiva de imigrantes, pela crise do café e pelas tensões entre aristocracia e burguesia. Os três autores, embora de forma diferente, recuperam a figura heroica do Bandeirante que funciona como metáfora para o pioneirismo histórico exercido pelo estado de São Paulo e como afirmação de uma identidade moderna. A recorrência à figura do Bandeirante expressa o ativismo paulista que se baseia numa noção de genealogia assente nos traços de liderança e superioridade regional. O mito do Bandeirismo é usado com vários graus de distância irônica nas obras dos dois poetas e reativado, por Prado, através de um discurso científico e evolucionista. A análise de Gouveia torna evidente que esses três autores não cortaram radicalmente com o passado e reproduziram inclusivamente posições conservadoras.

A primeira parte – “The Metanarrative of Emancipation” – é composta por dois capítulos. No primeiro, o autor sintetiza as contribuições críticas sobre a relação entre os intelectuais modernistas e a administração de Vargas durante os anos 1930 e 1940. O estabelecimento da narrativa de emancipação deve-se globalmente à expansão das infraestruturas culturais do Estado, à implementação de reformas educativas e à reestruturação do sistema universitário. Os intelectuais modernistas assumiram posições de poder nessas reformas e agências de promoção cultural e, deste modo, a canonização inicial do movimento foi feita pelos seus próprios promotores. No segundo capítulo, Gouveia parte de uma breve análise das publicações da historiografia literária produzida na década de 1950 para explorar o seu papel na constituição do cânone literário, que funcionou como o principal aparato de legitimação do Modernismo brasileiro, apresentando-o como um movimento de ruptura estética e retórica com o passado. Alertando para as diferentes funções e efeitos da paródia e da ironia, estratégias artísticas que dão suporte à ideia de corte radical com o passado, Gouveia explica que essas estratégias podem ser usadas paradoxalmente, pois autorizam a transgressão e, ao mesmo tempo, conferem legitimidade. Nesse sentido, o autor conclui que os textos poéticos selecionados, sobretudo os que se centram no primitivismo, estabelecem tanto a descontinuidade, quanto a continuidade em relação ao pas-

sado ancestral e às formas literárias convencionais. O paradoxo persiste porque os discursos nacionalistas de vanguarda afirmam e questionam, ao mesmo tempo, a tradição que pretendem reinventar.

Na segunda parte – “Counter-Narratives” – são expostas as contradições dos três autores paulistas, através da análise textual. O primeiro capítulo (o mais longo) é dedicado a Paulo Prado, a figura menos explorada pela crítica e que teve um papel central como mecenas dos artistas modernistas. As contradições dessa figura evidenciam-se na duplicidade de papéis e de interesses que assumiu: por um lado, era o líder político da aristocracia do café de que defendia os interesses econômicos, por outro, um benfeitor com preocupações culturais e nacionalistas. Gouveia analisa *Paulística* (1925) e *Retrato do Brasil* (1928) para destacar a interpretação histórica revisionista de Prado, bem como a sua obsessão pelo espírito dos Bandeirantes que representava o elemento de coragem distintivo da aristocracia paulista. A recorrência a esse mito impôs-se como reação à liderança econômica da burguesia imigrante que punha em causa o poder da aristocracia. Prado expressa o desejo de construir uma narrativa histórica heroica (determinista racial e geograficamente) para o Estado de São Paulo, baseada no atavismo e na saga dos Bandeirantes.

Nos restantes dois capítulos, Gouveia explica que as obras de Mário e Oswald de Andrade são atravessadas por múltiplas ideias e conceitos e, por isso, não podem ser consideradas como projetos coerentes e regidos por uma única ideologia. De fato, ambos os poetas rejeitam e abraçam o passado e as tradições. No capítulo quatro, a partir da análise de alguns poemas de *Paulicéia Desvairada* (1922) e do poema “Noturno de Belo Horizonte” (1924), Gouveia mostra a atitude contraditória e de resistência de Mário de Andrade à Modernidade, evidenciando as ambiguidades e a ironia que existem no discurso poético face ao multiculturalismo urbano, à religião, à imigração e à burguesia. Em particular, Gouveia explica como são ativados no discurso poético a dicotomia nativo/estrangeiro, as manifestações do primitivismo, a reverência pelo patrimônio folclórico e a recuperação do passado colonial através da nostalgia e principalmente através do valor simbólico da figura do Bandeirante. No quinto e último capítulo, Gouveia analisa o trabalho de Oswald de Andrade centrando-se na ativação do discurso das origens e da tradição no “Manifesto da poesia pau-brasil” (1924) e em alguns poemas de *Pau-Brasil* (1925). Gouveia foca aspectos de imanência e alusões a certos elementos não visuais para fazer uma leitura abrangente desses poemas e provar que o uso da ironia, da paródia e do humor

não traduz uma única posição político-ideológica. O caráter lúdico e a espontaneidade da linguagem de *Pau-Brasil* são enganadores. Os poemas analisados enfatizam a imagem de São Paulo como centro da Modernidade e como berço do mais dinâmico agente da História brasileira – o mito do Bandeirismo é central nesses textos.

Com esse estudo, Gouveia reavalia a visão de unidade dentro do movimento modernista brasileiro, descrevendo as especificidades, inovações e ambiguidades de cada um dos três autores selecionados. No entanto, reconhece que há neles uma atitude de resistência à Modernidade que se expressa, por exemplo, na insistência que os três colocam no tema do Bandeirismo. O autor afirma que, nos textos analisados, o discurso histórico não é inteiramente rejeitado, nem destruído. A estrutura do livro é coerente e a argumentação não só é bem fundamentada, como original. Tanto o trabalho de contextualização histórico-teórica, quanto o trabalho de *close-reading* levado a cabo por Gouveia validam a sua análise crítica de recusa de uma narrativa totalizadora do movimento modernista brasileiro assente na noção de ruptura com o passado.

Patrícia I. Martinho Ferreira

Brown University